

apresentação



A formação de professores na modalidade a distância tem provocado candentes debates em nosso País. Ultrapassando a comunidade científica, com certa frequência tem estado na pauta da grande mídia e chegado ao ambiente doméstico. Talvez se possa dizer que, quando se trata do ensino a distância na formação continuada de professores, há uma aceitação crescente dessa modalidade de ensino. Entretanto, as resistências a tal modalidade são amplificadas significativamente quando o que está em jogo é a formação inicial, comumente adjetivada de aligeirada e certificadora, mas pouco formadora, capaz de aumentar os índices de professores com ensino superior, mas incapaz de revelar a “qualidade” da formação provida pelas mais diferentes instituições de ensino superior brasileiras.

Esta edição da revista *Em Aberto* condensa uma série de debates sobre a temática, em curso no panorama brasileiro atual. Aqui, os leitores encontrarão uma pluralidade de objetos, enfoques teórico-metodológicos e estilos de escrita, algo que consideramos altamente recomendável e que parece retratar o estado do conhecimento desse polêmico campo de saberes e práticas. Aliás, é preciso dizer, esses atributos parecem não ser prerrogativa da educação a distância, ou da formação de professores a distância, e sim da área da educação em geral, e isso é tão mais verdadeiro se passarmos nossos olhos pela ampla produção científica desenvolvida nos programas brasileiros de pós-graduação em educação.

O artigo da seção *Enfoque* – “Formação inicial de professores a distância: questões para debate” –, assinado pelo organizador desta edição, Luís Henrique Sommer, professor do Programa de Pós-Graduação da Universidade do Vale do Rio

dos Sinos, parte da apresentação da polarização exacerbada nos debates sobre a educação a distância, reproduz alguns diálogos com estudantes de Pedagogia nesta modalidade e analisa o documento final da recente Conferência Nacional de Educação (Conae-2010) sobre a formação inicial de professores, que delibera contra a modalidade a distância e argumenta pela necessidade de se colocar em pauta uma discussão anterior, que tem a ver com a natureza (e a qualidade) da formação que estamos oferecendo em nossos cursos de licenciatura, independentemente da modalidade de ensino assumida. Portanto, há uma questão de fundo que, no entendimento do autor, deve ser estabelecida, antes de entrarmos no “campo minado” dos debates que opõem educação presencial e educação a distância.

A seção *Pontos de vista* inicia-se com o artigo “A configuração da política nacional de formação de professores a distância”, de Raquel Goulart Barreto, professora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Nesse artigo, a discussão sobre formação de professores a distância parte do entendimento de que a educação a distância emerge como a recontextualização educacional das tecnologias da informação e comunicação, em um quadro mais amplo marcado pelo determinismo tecnológico. A autora passa em revista o discurso das políticas educacionais sobre a formação de professores a distância e aponta o que define como modelo hegemônico de formação, caracterizado, entre outros aspectos, pela incorporação das tecnologias da informação e comunicação como substituição tecnológica. Além disso, sublinha o seu caráter (neo)tecnicista, na medida em que, além de uma recapitulação de formas e materiais que caracterizaram o tecnicismo educacional dos anos 1970, a centralidade na modalidade atual de ensino a distância parece residir apenas nas tecnologias, divorciada de questões de fundo que deveriam balizar as discussões sobre formação de professores.

O artigo “Formação pedagógica *on-line*: caminhos para a qualificação da docência universitária”, de Marilda Aparecida Behrens, professora do Programa de Pós-Graduação da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, versa sobre uma experiência de formação continuada de professores levada a efeito em um curso de especialização naquela universidade, denominado *Tecnologias educacionais na docência universitária*. Tal curso se deu na chamada modalidade bimodal, isto é, em ambiente presencial e *on-line*, sendo 75% da carga horária cumpridos a distância (*on-line*). Passando por tópicos que vão desde a necessidade de superação do que define como visão paradigmática conservadora da educação em ambas as modalidades, concepções da educação presencial e *on-line*, até reflexos dos paradigmas conservadores, também em ambas as modalidades, a autora envereda pela discussão acerca do paradigma da complexidade e discute possibilidades para ensinar e aprender na chamada educação *on-line*. Finalmente, ancorada nos resultados da investigação, aponta para a possibilidade efetiva de produção de conhecimentos em um ambiente favorecedor de mudanças paradigmáticas, desde que o professor seja entendido como mediador, capaz de analisar e planejar sua prática tendo como nortes a inovação e a incorporação crítica das propostas de educação *on-line*.

Maria Elizabeth Bianconcini de Almeida, professora do Programa de Pós-Graduação em Educação – Currículo, da Pontifícia Universidade de São Paulo,

oferece-nos o texto "Transformações no trabalho e na formação docente na educação a distância *on-line*". A autora aponta para o que considera serem novas demandas formativas colocadas pela educação na cibercultura, entre elas a reordenação do trabalho docente em função de novas formas de aprender e diferentes estratégias didáticas que viriam na esteira da educação *on-line*. O foco está no trabalho e na formação do professor na cibercultura, na sua preparação para atuar na educação a distância *on-line*. Apesar das especificidades colocadas por esse novo contexto cultural, a autora argumenta pela generalização de certas características que lhe parecem essenciais ao professor em qualquer modalidade de ensino, como o domínio do conteúdo, das tecnologias e do processo pedagógico, a criação de estratégias didáticas que proporcionem a aprendizagem, a atitude de questionamento, diálogo e produção de conhecimento, colaboração e reflexão sobre a própria ação e a capacidade de trabalhar em grupo, que ela vai identificar em várias experiências e que denomina *formação reflexiva on-line*.

O texto seguinte é assinado por Andrea Lapa e Nelson De Luca Preto, respectivamente professora do Centro de Ciências da Educação da Universidade Federal de Santa Catarina e professor do Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal da Bahia. Sob o título "A educação a distância e a precarização do trabalho do professor", os autores fazem uma análise crítica da docência cristalizada na política nacional para a formação de professores a distância. Mais precisamente, argumentam que o Sistema Universidade Aberta do Brasil tem produzido um paradigma formativo alicerçado na precarização do trabalho docente, que se materializa na figura do tutor, o qual não vê reconhecida sua atuação profissional, o que é atestado pela baixa remuneração e pela sua condição de bolsista, ratificando a inexistência de vínculo empregatício formal. Na esteira dessas análises, os autores terminam por destacar a referida política e seu papel padronizador de projetos de educação a distância, bem como suas implicações diretas no impedimento de se produzir outras formas de trabalho docente na educação a distância que não estejam atravessadas pela lógica da precarização.

O artigo "Formação de professores na modalidade *on-line*: experiência e reflexões sobre a criação de espaços de convivência digitais virtuais", de Eliane Schlemmer, professora do Programa de Pós-Graduação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, coloca em pauta possibilidades formativas mediante a utilização de tecnologias de metaversos, os chamados mundos digitais virtuais em três dimensões (MDV3D). Nesse artigo, extraíndo reflexões de um programa de pesquisa a que vem se dedicando há alguns anos, a autora destaca que, nesses contextos digitais em três dimensões, onde os sujeitos interagem por meio de avatares, há a amplificação dos sentimentos de presença, de pertencimento, o que julga absolutamente necessário para os processos de aprendizagem na modalidade a distância. Mais do que isso, Schlemmer aponta para a necessidade da experimentação de diferentes tecnologias digitais como forma de acessarmos o universo cultural dos chamados "nativos digitais", a geração que chega aos bancos universitários neste momento.

O fechamento da seção se dá com o artigo “Formação de professores nas tramas da rede: uma prática de governamentalidade neoliberal”, de Karla Saraiva, professora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Luterana do Brasil. Alicerçada na filosofia política de Michel Foucault, ela aponta para uma relação de imanência entre a educação a distância, particularmente a formação de professores a distância, e a racionalidade política identificada como *governamentalidade neoliberal*. Ao analisar, prioritariamente, o *Guia do aluno* da licenciatura em Pedagogia de uma universidade brasileira integrada ao Sistema Universidade Aberta do Brasil, a autora demonstrará que o aluno da educação a distância posicionado pelo discurso do referido guia é um empresário de si, regido por uma lógica economicista. Obedecendo ao imperativo de uma boa gestão do tempo e à prática empresarial de indicadores e metas, defende a autora, os alunos estariam sendo levados a aumentar o seu próprio capital humano. Desse modo, a autora nos oferece evidências dessa correlação entre um panorama político mais amplo, definido pela governamentalidade neoliberal, e a formação apregoada em cursos de formação de professores a distância.

Na seção *Bibliografia comentada*, este organizador e Saraí Schmidt, professora e pesquisadora do Grupo Comunicação e Cultura da Universidade Feevale, fiéis ao propósito desta edição em focar a formação de professores a distância, e não educação a distância, nem formação para a docência na educação a distância, disponibilizam o levantamento da produção bibliográfica que trata explicitamente do tema proposto.

14

O convite à leitura está feito, mas com a precaução de que o leitor não busque jamais uma unidade nos textos que compõem esta edição. O tema, como já foi exaustivamente repetido, é polêmico e convida para diferentes abordagens, diferentes enfoques. De qualquer forma, há, aqui, uma amostra representativa do que vem sendo feito e pensado sobre os problemas, as perspectivas e as possibilidades no campo da formação de professores a distância. Agradeço imensamente à Marisa Vorraber Costa pelo convite para que eu propusesse esta publicação, ao professor Osmar Fávero e a todos(as) os(as) colegas que contribuíram com a qualidade de suas produções para o debate sério, respeitoso e consistente sobre a formação de professores a distância.

*Luís Henrique Sommer*  
O organizador